



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina  
Brasil

Scheibe Wolff, Cristina; Vianna Possas, Lidia M.

Escrevendo a história no feminino

Revista Estudos Feministas, vol. 13, núm. 3, septiembre-diciembre, 2005, pp. 585-589

Universidade Federal de Santa Catarina

Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38114358007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

**Cristina Scheibe Wolff**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Lidia M. Vianna Possas**

Universidade do Estado de São Paulo – Marília

## Escrevendo a história no feminino

Copyright © 2005 by Revista  
Estudos Feministas

Durante muito tempo as mulheres não foram consideradas sujeitos da história e, portanto, estiveram excluídas das narrativas dos historiadores. O panorama atual da historiografia brasileira parece ter mudado significativamente, demonstrando a presença desses novos sujeitos, adensando as discussões teóricas e sugerindo a inserção de novos conceitos bem como de outras abordagens.

No último Simpósio Nacional de História, ocorrido em João Pessoa, em 2003, três dos simpósios temáticos apresentados, reunindo em média trinta trabalhos cada, trataram da história das mulheres e das relações de gênero em diferentes perspectivas e abordagens. Publicações sobre distintos períodos da história têm sido incorporadas pelo mercado editorial, tratando não somente de dar visibilidade às mulheres na história, como parecia ser o primeiro objetivo empreendido pelas historiadoras dos anos 1980 no Brasil,<sup>1</sup> mas também problematizando as hierarquias de gênero, as relações de poder, as sexualidades, os corpos, a educação, os trabalhos de mulheres e homens, por uma perspectiva de gênero. Aos poucos e muito sutilmente, a última barreira que víamos há alguns anos ameaça ser rompida: o gênero começa a aparecer em capítulos de livros voltados para uma história “geral”, começa a ser evocado junto a outras categorias, tais como classe, geração, etnia, em trabalhos que não se pretendem somente como trabalhos de história das mulheres.

Mesmo assim, o campo da história das mulheres e das relações de gênero mantém-se como “um campo”

<sup>1</sup> É preciso lembrar aqui trabalhos precursores como os de Maria Odila Leite da Silva DIAS, 1984; Maria Lúcia de Barros MOTT, 1988; Maria Valéria Junho PENA, 1981; Eni de Mesquita SAMARA, 1989; Miriam Lifchitz Moreira LEITE, 1984a e 1984b; Rachel SOIHET, 1989; Luzia Margareth RAGO, 1985, entre outros.

<sup>2</sup> Pensamos por exemplo em Lynn HUNT, 1991; e Stuart HALL, 2000.

<sup>3</sup> Michelle PERROT e Alain PAIRE, 1984.

<sup>4</sup> Françoise THÉBAUD, 1998; Joan SCOTT, 1990 e 2001; e Linda NICHOLSON, 2000.

na história. Profundamente ligado à história social e à história cultural, de cujas perspectivas tem se apropriado e ao mesmo tempo para cujas discussões teórico-metodológicas tem grandemente contribuído, conforme admitem historiadores e cientistas sociais dos mais acreditados,<sup>2</sup> esse campo tem, porém, razões de ainda se afirmar como um campo específico.

Na década de 1980, quando nos Estados Unidos surgiam e multiplicavam-se os departamentos de Women's Studies, a historiadora social francesa Michelle Perrot alertava para os perigos de se fazer um gueto da história das mulheres.<sup>3</sup> Ao mesmo tempo começaram a se multiplicar os estudos que problematizavam os papéis das mulheres na história, a história do cotidiano, as "culturas femininas", e começou a aparecer a categoria das relações de gênero.<sup>4</sup> Em suma, mesmo atentas às armadilhas que o desenvolvimento de uma história das mulheres um tanto 'à parte' pudesse colocar, sem dúvida, foi a partir das pesquisas que se ampliaram, das publicações e coleções de história das mulheres, bem como dos problemas que essa história considerada por muitos como 'à parte' começou a colocar para a escrita da história que os historiadores e as historiadoras, de maneira geral, passaram a se interrogar sobre a importância de se admitir o gênero como uma categoria de análise não somente útil, mas fundamental para a própria pesquisa histórica.

Ao tomarmos a nossa prática docente como espaço de reflexão para perceber a inserção do objeto "mulheres", foi possível observar mudanças sutis nos comportamentos dos alunos de graduação. Eles geralmente chegam a meados do curso de história convencidos, muitas vezes sem ao menos terem lido qualquer livro ou artigo pertinente, de que a história das mulheres e das relações de gênero são temas subalternos, ainda marginais, de natureza anedótica e desconectados da 'verdadeira' história política, social, econômica. Experimentamos o exercício de propor leituras consideradas "de história das mulheres", mas buscando na leitura as intersecções desse campo com a história social, a economia do período estudado, os aspectos políticos evocados e os eventos marcantes, que passam a adquirir novas perspectivas ao serem introduzidos esses novos sujeitos. A análise teórico-metodológica desses textos também parece ser extremamente proveitosa para os alunos, pois estes podem ver aí a utilização de fontes documentais nem sempre privilegiadas em outros domínios da história, como a oralidade, a iconografia, os escritos íntimos, e ao mesmo tempo novas maneiras de problematizar fontes oficiais e já exploradas por tantos outros

autores, sem que ali aparecessem as mulheres, quando se trata de armar o olhar de uma nova lente capaz de ali enxergar a ação, o cotidiano, as regras não ditas, a vida. O resultado tem sido muito interessante, pois fica evidente o intenso relacionamento do gênero com a política, com as hierarquias sociais, com os contextos econômicos e a sua participação nos eventos históricos. Dessa maneira, a introdução da temática das mulheres a partir de uma abordagem de gênero nos leva a rever narrativas, observar a importância de uma história polifônica, o papel de múltiplos sujeitos, e perceber distintas temporalidades.

Com o conjunto de artigos aqui apresentados propõe-se retomar a análise diante da documentação histórica por uma perspectiva de gênero. A fonte escrita é revisitada, com um olhar que perpassa os limites dos textos escritos emanados de instituições governamentais ou partidárias, mas de outras formas de escrita e de imagem, refletindo a amplitude de tratamento que a Nova História Cultural e Social nos possibilitou, indo muito além de tomar os documentos como "dados". Os trabalhos aqui apresentados fazem uma profunda problematização em torno da significação da escrita desses documentos, sua forma de produção, seus objetivos e linguagens utilizadas. Textos médicos, jornais alternativos, relatos de viagens, romances e poesias são aqui tomados como escritas de gênero e sobre o gênero, nas quais se procura discernir e debater uma história no feminino.

No Brasil, a história do movimento feminista tem sistematicamente procurado seu início na resistência à ditadura militar e nos movimentos de esquerda. Esse olhar, porém, nunca garantiu que a esquerda se sentisse realmente comprometida com o feminismo, como mostra o texto de Rachel Soihet analisando os escritos do jornal alternativo *O Pasquim* que ridicularizavam o movimento feminista e as feministas de maneira geral. Além das feministas, qualquer mulher estava exposta, nas páginas d'*O Pasquim*, a uma zombaria a toda prova, por ser mulher. E isso tudo no clima político de intensa transformação cultural dos anos 1960 e 1970, quando aparentemente o gênero, no caso a "superioridade masculina", era o único valor estável para aquele grupo de jornalistas que durante muito tempo foram considerados verdadeiros heróis da resistência política à ditadura.

Ao se escrever a história no feminino, há uma releitura da história, a busca de novas interpretações para discursos já densamente trabalhados enquanto documentos, como é o caso das narrativas de viagens do século XIX. Essas narrativas, tão importantes na construção de imagens do cotidiano brasileiro no passado, são impregnadas pelos

preconceitos e concepções dos europeus e das europeias que as escreveram, nos quais o gênero tem importante papel. O mesmo ocorre em relação aos tratados de obstetrícia daquele século, que, ao “descreverem” o corpo feminino e seu funcionamento, reforçam a todo momento a ciência médica exercida por homens especialistas. Ao afirmarem a ciência como único discurso válido, aliás um discurso cujo gênero era masculino sem sombra de dúvida, esses autores e tratados ajudam a estabelecer os profissionais obstetras no mercado dos partos, suas práticas de intervenção e a progressiva perda de autonomia das mulheres no que diz respeito a seu corpo ao longo dos séculos XIX e XX. Daí a importância histórica da célebre divisa feminista que reivindica o controle de seu corpo pelas próprias mulheres.

Cabe ainda uma reflexão acerca da história como escrita. A partir da poesia de Gayl Jones, escritora norte-americana negra, a história do Quilombo dos Palmares ganha sentidos novos, e nessa história não é só a opressão e a rebeldia dos negros americanos, do sul ou do norte, que aparecem. A partir da personagem Almeyda, uma mulher cuja voz soa a partir do poema, ser mulher e ser negra no Brasil colonial parece colar-se nas expectativas e nas histórias de todo um continente. Esse entrelaçamento de história e literatura serve bem aos propósitos da problemática colocada por este conjunto de artigos, que enfatizam uma escrita da história no feminino.

### Referências bibliográficas

- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no séc. XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- HUNT, Lynn (Org.). *A nova história cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec/Edusp; Brasília: Pró-Memória, 1984a.
- \_\_\_\_\_. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Atica, 1984b.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. *A mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.
- NICHOLSON, Linda. “Interpretando o gênero”. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.
- PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- PERROT, Michelle; PAIRE, Alain (Orgs.). *Une histoire des femmes est-ce elle possible?* Paris/Marseille: Éditions Rivages, 1984.

---

ESCREVENDO A HISTÓRIA NO FEMININO

- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890–1930*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX*. São Paulo: Marco Zero/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.
- \_\_\_\_\_. "La querelle des femmes' no final do século XX". *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 367-387, 2001.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890–1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- THÉBAUD, Françoise. *Écrire l'histoire des femmes*. Lyon: ENS Éditions, 1998.